

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes

Comitê Política e Juventudes

Papel dos partidos políticos na formação dos jovens – Reunião 1

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Papel dos partidos políticos na formação dos jovens – parte 1, realizado em 05 de julho de 2021, no âmbito do Comitê Política e Juventudes.

CONVIDADOS

- DÚ PENTE: foi coordenador de projetos estratégicos e articulador político no mandato coletivo da Gabinetona, em Belo Horizonte (MG). Concorreu pelo PSOL a cargos legislativos em duas ocasiões (2016, em um mandato coletivo, e 2020). É cocriador da Movimentação Juventude Negra Política;
- JOSÉ GUSTAVO FÁVARO: é fundador da REDE Sustentabilidade, partido do qual foi porta-voz nacional entre 2016 e 2018, tornando-se o mais jovem presidente de um partido político brasileiro. Concorreu pela REDE a cargos legislativos em duas ocasiões (2014, em um mandato coletivo, e 2018). É presidente nacional da Fundação Rede Brasil Sustentável;
- LARISSA DIONISIO: é coordenadora do projeto Emergência Política Jovens, sobre a participação de jovens na política eleitoral e institucional do Brasil. O projeto é realizado pelo Instituto Update, organização que estuda e fomenta a inovação política na América Latina;
- AUGUSTO DE FRANCO (mediação): é criador e membro da Escola-de-Redes, que conecta pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais, à criação e à transferência de tecnologias de *netweaving*. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

INSPIRAÇÃO PARA O DEBATE: *no início de cada encontro, uma obra audiovisual para instigar à reflexão*



Vídeo: *Paridade: mais mulheres na política*, episódio da série *Eleitas*

Autoria: Instituto Update em parceria com Quebrando o Tabu, Maria Farinha Filmes e coprodução da Spray Content

Ano: 2020

Sinopse: O que acontece quando o poder é dividido meio a meio entre homens e mulheres? As mulheres são a maioria da população no Brasil, mas só ocupam 15% do Congresso. É verdade que elas estão ocupando cada vez mais espaço. Mas ainda achamos pouco. Neste episódio, vamos conhecer como o México conseguiu alcançar a chamada paridade de gênero e vamos viajar por outros países latino-americanos para conhecer mulheres que estão usando a criatividade para contornar a falta de diversidade na política.

Link: <https://bit.ly/3k129vU>

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Os partidos políticos perderam seu papel na formação política dos jovens? Ainda conseguem atrair e dialogar com as juventudes?
- Existem diretórios de juventudes nos partidos? Se sim, como eles funcionam?
- De que forma a tecnologia e a Internet podem ser usadas nos processos formativos?
- Podemos falar em uma formação política que não seja uma formação democrática, isto é, uma aprendizagem da democracia, entendida aqui como um modo não guerreiro de regulação de conflitos?

- A dificuldade que os partidos políticos parecem enfrentar para incluir pessoas jovens em seus quadros e processos decisórios é de fato uma dificuldade ou um projeto para manter suas estruturas e dinâmicas internas inalteradas?
- Considerando que o fazer político vai além da política institucional propriamente dita, por que os convidados decidiram investir no caminho institucional e partidário?
- A reforma eleitoral auxilia ou agrava o cenário de democratização dos partidos?
- O que os partidos políticos podem fazer para atrair e formar os jovens – seja para a consciência política, seja para o ativismo, seja para a entrada no partido –, mesmo diante dos problemas da dinâmica partidária que existem e que não vão deixar de existir a curto ou médio prazo?

DEBATE

A POLÍTICA INSTITUCIONAL E OS PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL: UM DIAGNÓSTICO

- Percepção de que temos uma política institucional apartada das pessoas, desconectada tanto da linguagem quanto da realidade do cidadão comum, em especial das juventudes:
 - Crise de confiança da população em relação aos partidos políticos;
 - Gramática partidária pouco acessível;
 - Exacerbadamente falta de representação: a expressividade das juventudes e das minorias brasileiras não se reflete na política institucional eleitoral.

“Venho de uma família simples do interior de São Paulo. Quando as pessoas perguntavam para a minha mãe o que eu fazia, ela respondia: ‘Hum, ele está envolvido com política’. Parecia que eu estava fazendo uma coisa muito errada. Isso é evidência de como as pessoas interagiam pouco com a política institucional, viam como algo distante.” – JOSÉ GUSTAVO FÁVARO

- No atual modelo, os partidos políticos detêm o controle sobre a via de acesso ao Estado, uma vez que a legislação brasileira exige que você esteja filiado a um partido para concorrer a um cargo legislativo ou executivo:
 - Principalmente em nível municipal, essa exigência estimula que os partidos se tornem “cartórios eleitorais”: o prefeito detém os partidos da situação, a oposição detém os demais partidos e essas poucas figuras determinam quem será ou não candidato.
- **Partidos políticos, em seus moldes atuais, são uma “caixa-preta”** no que se refere às estruturas e dinâmicas internas, o que afasta quem deseja atuar pela melhoria da vida coletiva:

- “Todo partido tem dono”: processos internos costumam ser hierárquicos, pouco transparentes e pouco democráticos, favorecendo a concentração de poder naqueles já estabelecidos na burocracia partidária e estimulando lutas internas;
- “Quem tem peso é quem tem voto”: em geral, voz é dada somente àqueles quadros que conseguem resultados expressivos nas urnas, o que dificilmente é o caso de uma pessoa jovem;
- Falta de transparência no processo de recrutamento de quadros.

“Nas reuniões entre presidentes de partidos de que participei, eu tinha 26 anos, era o mais jovem na sala, inclusive entre os assessores. E ouvia os presidentes reclamarem que as pessoas não queriam participar da política. Um dia, tive a oportunidade de questioná-los: o quanto é chato, desgastante, cansativo participar de uma reunião de partido? E, de fato, você não se sente parte das decisões, porque elas são tomadas por uma cúpula de poucos caciques. Isso afasta o cidadão comum e também afasta os jovens.” – JOSÉ GUSTAVO FÁVARO

“Já fundei muitos partidos, alguns clandestinos e um legal, do qual fui dirigente por dez anos. Quando saí, cheguei à conclusão de que a vida partidária não combinava mais com a dinâmica social. A política partidária é um oligopólio dos incluídos. Há um condomínio partidário e, se você está fora dele, você não apita. O perigo é isso descamar para uma espécie de partidocracia, que parece democracia mas não é.” – AUGUSTO DE FRANCO

“As estruturas partidárias são mantidas e geridas pelos mesmos representantes de sempre, em uma dinâmica um tanto colonial. Quantos partidos políticos brasileiros são presididos hoje por mulheres ou pessoas negras?” – DÚ PENTE

- É urgente:
 - oxigenar e reformar as estruturas partidárias, estabelecendo dinâmicas e processos decisórios mais democráticos e com mais qualidade;
 - atualizar a gramática partidária e a linguagem eleitoral;
 - potencializar as iniciativas de transferência de tecnologias cívicas e cidadãs para as juventudes, sobretudo minoritárias, de modo a tornar mais plurais os espaços da política institucional;
 - fortalecer, inclusive com recursos financeiros, as ações e as experiências pró-democráticas *on-line* e *off-line* de formação política desenvolvidas nos próprios territórios.
- Há novos caminhos sendo pavimentados, que tanto pressionam os partidos a se repensarem internamente quanto geram uma pressão externa por meio do estabelecimento de “concorrência”:

- Experiências de candidaturas e mandatos coletivos, como Muitas (MG) e Bancada Ativista (SP), que otimizam os custos de uma campanha política e fomentam a formação de lideranças;
- Possibilidade de candidaturas “cívicas” ou “avulsas”, que prescindam da filiação partidária – com a devida discussão das externalidades envolvidas e da sua factibilidade em uma política institucional que, em seu dia a dia, gira muito em torno da figura dos partidos (exemplo: distribuição de comissões, verbas, tempo de fala etc.).

“Se hoje temos representantes públicos que atuam contra a democracia, contra as instituições democráticas, qual a responsabilidade dos partidos políticos nesse processo? Porque, para uma pessoa chegar ao poder, ela precisa passar por uma instituição partidária, que é financiada com dinheiro público. E se essas instituições estão autorizando que pessoas atuem de forma autoritária e antidemocrática, precisamos discutir de fato qual é o papel delas e se não deveríamos pensar a sua reformulação, inclusive a possibilidade de candidaturas independentes a partidos.” – DÚ PENTE

O PAPEL DOS PARTIDOS NA FORMAÇÃO POLÍTICA DAS JUVENTUDES

- Desde 1976, a legislação estipula que todo partido político crie uma fundação ou um instituto de “formação ou doutrinação política” (nos termos usados no texto jurídico). Em 1995, a Lei dos Partidos Políticos definiu que parte dos fundos partidários seja utilizada nessas instâncias de formação política, mas o que se vê é que poucas fundações têm programas estruturados, bolsas de estudos e demais mecanismos estabelecidos:
 - Quando, em 1993, o Estado brasileiro retira do currículo escolar matérias como “Organização moral e cívica” e “Organização social e política brasileira”, as fundações partidárias ganham um papel ainda mais importante de formação política que não tem sido plenamente exercido.
- Entendimento de que após a redemocratização os partidos, na importância de conduzirem sua atuação política, desconectaram-se da formação de base:
 - Importância dos mecanismos de formação política para que as diferentes “bolhas” sejam rompidas e possam dialogar na construção de decisões coletivas;
 - Necessidade de que os partidos não mantenham somente um diálogo interno – que já é escasso –, mas também com o mundo externo, por meio da criação de uma cultura de debates em escolas e outras atividades que promovam o engajamento cívico e a politização das juventudes.

“Nós não temos hoje no Brasil um número suficiente de pessoas que saibam explicar por que consideram a democracia um valor universal, que consigam mostrar por que a democracia não é o mesmo que majoritarismo e que sejam capazes de criticar os populismos contemporâneos. Antes de partidos, precisamos trabalhar o assunto

‘democracia’, porque não existe democracia sem democratas.’ – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“Embora eu seja branco, de descendência europeia, de classe média, eu me descobri como uma das menores minorias que conheço no mundo político, que é a dos democratas. Isso tem ficado muito claro e deve ser discutido: algumas pessoas nem sabem do que eu estou falando quando digo isso.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“A maior parte das pessoas tem como ferramental para o debate político os programas policiais de televisão e seu time de futebol – elas escolhem um time e torcem. Nós perdemos e enfraquecemos os espaços de formação cidadã, da gramática da democracia, que é um sistema pensado para que as diferentes visões possam estar no mesmo lugar para tomar decisões coletivas. E, na minha opinião, os partidos têm uma responsabilidade muito forte sobre isso.” – JOSÉ GUSTAVO FÁVARO

- Diretórios de juventude:

- Seguem existindo, mas costumam replicar a lógica viciada dos partidos (disputas internas por poder, controle orçamentário, assentos no diretório nacional);
- Apesar dos desafios, são espaços que parecem dialogar melhor com os jovens e apoiá-los em sua jornada na política institucional, para além da formação conteudista e programática;
- Há partidos preocupados em ressignificar os diretórios: experiência da REDE, em que não havia uma direção de juventude, mas sim a intergeracionalidade dentro da estrutura partidária como um todo.

“Por muito tempo, o jovem foi visto como problema, mas os partidos precisam enxergá-lo como transformação, diversidade, potência. Entender os jovens nas suas diversidades e enquanto pessoas capazes de tomar decisões é uma mudança de mindset muito importante para esses espaços institucionalizados.” – LARISSA DIONISIO

- Uso das tecnologias e da Internet nos processos formativos partidários: antes de pensar como essas ferramentas podem ser aplicadas, é preciso discutir como democratizar o acesso à Internet. Como vamos pautar o direito à Internet como um direito humano?:
 - Situação vivida por estudantes de periferia durante a pandemia de COVID-19 evidenciou a desigualdade de acesso à Internet – muitos não conseguiram dar continuidade aos estudos *on-line*.
- Importância da rede social dos jovens – seus amigos, familiares, colegas de trabalho – para a decisão de se engajarem em torno de um partido.

POR QUE AS JUVENTUDES SE ENVOLVEM NA POLÍTICA INSTITUCIONAL?

- É no espaço da política institucional que a tomada de decisões coletivas e a elaboração de políticas públicas se dão, portanto não se pode prescindir dele;
 - Obrigatoriedade da via partidária para acessar cargos no Estado leva a filiações por estratégia, e não necessariamente por identificação com o projeto político partidário.
- Quais as motivações principais?
 - Ocupar o sistema, subverter as estruturas: necessidade de abrir brechas e criar espaços tanto nos partidos políticos quanto na política institucional como um todo para que as juventudes (entendidas em sua pluralidade) e as minorias tenham representação e participação efetiva;
 - Fazer diferente: desejo de desafiar as dinâmicas estabelecidas da política institucional, apostando na inovação dos modelos de participação cívica, financiamento, prestação de contas etc.

“A minha escolha pela política institucional tem a ver com estratégia e a necessidade de pessoas como nós ocuparmos esses espaços. O perfil do representante público no Brasil é branco, com média de 50 anos, vindo da classe média alta ou das elites e que pouco representa as pautas genuínas das outras identidades presentes na sociedade.” – DÚ PENTE

“Em termos de participação política e da ocupação do poder institucional, não só a distribuição de recursos ainda é muito deficitária para essas pessoas e esses espaços de construção, como há muitas desigualdades políticas. Para fortalecermos a democracia, precisamos trabalhar para que elas diminuam.” – LARISSA DIONISIO

NOVOS ARES: O FUTURO DAS JUVENTUDES NOS PARTIDOS POLÍTICOS BRASILEIROS

- Novas gerações chegam aos partidos com um olhar disruptivo, propondo formas inovadoras de fazer política institucional. No entanto, os desafios persistem nos partidos velhos e novos, da direita à esquerda;
 - Necessidade de os partidos reverem seus mecanismos de apoio aos jovens ao longo de sua jornada política enquanto sujeitos efetivos de direito;
 - Contexto socioeconômico de parte significativa das juventudes dificulta seu engajamento na política institucional e partidária;
 - **“Adultocentrismo”:** jovens são subestimados e têm suas capacidades colocadas em xeque, inclusive dentro dos processos decisórios partidários;
 - Falta de transversalidade das pautas e demandas das juventudes em todas as esferas da vida institucional nacional.

“Nas pesquisas que realizamos no Instituto Update, sempre que perguntamos às pessoas entrevistadas como é ser jovem na política, a resposta é unânime: ‘desafio’ ou alguma variação dessa palavra. Existe uma tensão forte, porque há muitos desafios no processo: a linguagem é muito dura, o funcionamento dos partidos e da própria política é complexo, com questões como coeficiente eleitoral etc. Muito precisa ser feito para que mais jovens acessem esses lugares de poder.” – LARISSA DIONISIO

“Os partidos que acolhem melhor as juventudes são os que as deixam livres para fazer e experimentar, mas isso não quer dizer que estejam fortalecendo esses jovens. Os partidos podem até estar abertos a eles, mas o reconhecimento em um lugar de poder só acontece depois de uma votação expressiva. Antes disso, o que vemos é uma abertura por os jovens saberem mobilizar as redes sociais, financiamento coletivo e uma série de outras coisas, porque eles estão atentos às transformações, são impactados e atravessados por tudo a todo momento. Mas na hora de fortalecer seus direitos políticos enquanto candidatos, é um pouco diferente.” – LARISSA DIONISIO

- Importância dos movimentos de renovação política, como RAPS e RenovaBR, na jornada política dos jovens, seja ela eleitoral ou institucional (isto é, de ocupação de cargos como secretarias e comissões). Para além da formação cívica, democrática e cidadã, essas iniciativas:
 - Abrem espaço para as juventudes;
 - Fazem um trabalho de “**tradução**” dos processos e dinâmicas da política institucional;
 - Oferecem uma rede de apoio ao longo da trajetória, minimizando “**traumas**”;
 - Por vezes, disponibilizam bolsas de estudo e demais formas de apoio financeiro.
- Muitas das experiências jovens mais inovadoras de participação cidadã estão se dando fora do âmbito partidário: para se manterem relevantes, partidos terão de pelo menos atualizar suas práticas, quando não se reformularem por completo:
 - Diferentes agrupamentos têm desenvolvido novas gramáticas e estratégias de organização muito adaptadas à linguagem das juventudes, tanto no campo democrático quanto no campo antidemocrático;
 - Juventudes dispostas a criar seus próprios caminhos: se os partidos mantiverem as portas fechadas, jovens – em especial das minorias – seguirão desenvolvendo outras vias.

“A experiência intitulada ‘Gabinetona’ não nasceu dentro de nenhum partido político. O partido que nós dialogamos por causa das regras que ainda impõem a filiação a um partido para a disputa das eleições foi o PSOL. Entretanto, a construção da agenda programática, a composição da equipe – que considerava mecanismos de paridade de gênero, raça, idade – foram feitas a partir da dinâmica ativista das ruas e de certa forma acabaram tensionando tanto a estrutura institucional da Câmara Municipal de Belo

Horizonte quanto a estrutura partidária que nos abrigava naquele momento.” – DÚ PENTE

- Sinais de alerta: movimentos recentes da política institucional brasileira vão no sentido contrário da abertura à renovação e à inserção de jovens:
 - Reforma eleitoral em discussão **pretende estabelecer o “distritão”** (que prevê a eleição apenas dos mais votados para os cargos legislativos) e diminuir a cota de participação feminina nas eleições;
 - Tendência de suspender as destinações obrigatórias de parcelas do fundo partidário, como a porcentagem prevista para a juventude;
 - Na prática, maioria dos partidos políticos parece pouco aberta a se repensar.

“Infelizmente, é importante assumirmos o prognóstico de que os partidos políticos, em grande medida, têm uma faléncia do ponto de vista de relação, de eficácia, de estratégia e de atuação em relação ao seu propósito genuíno. Enquanto não conseguirmos democratizar a democracia no Brasil e na América Latina, nós ficaremos rodando em volta do piano sem nunca conseguir tocar essa música.” – DÚ PENTE

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- Academia MBL, escola de formação política do movimento MBL: <https://bit.ly/3k3b93S>
- *Atlas das Juventudes*, relatório realizado pelas redes de organizações Em Movimento e Pacto das Juventudes pelos ODS (2021): <https://bit.ly/3AP7QmO>
- Bancada Ativista, movimento pluripartidário para a eleição de ativistas e apoio à construção de seus mandatos em São Paulo: <https://bit.ly/3xEgORO>
- *Biblioteca das juventudes*, biblioteca *on-line* que reúne publicações, vídeos e sites de interesse sobre juventudes no Brasil e na América Latina organizada pelo Atlas das Juventudes: <https://bit.ly/3wBKpdu>
- Brasil Paralelo, streaming de conteúdos audiovisuais e de formações com viés político de direita: <https://bit.ly/3r0lgGR>
- Casas da Democracia, rede descentralizada de promoção da aprendizagem democrática permanente: <https://bit.ly/3r3CeFw>
- *Emergência política – América Latina*, estudo sobre inovação política na América Latina realizado pelo Instituto Update (2019): <https://bit.ly/3AOzmAO>
- *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*, do Senado Federal (2013): <https://bit.ly/3xzogFc>

- *Fundações partidárias no Brasil e no mundo: funções legais, ações formativas e análise em perspectiva comparada*, pesquisa de Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes e Humberto Dantas (2012): <https://bit.ly/3e27DTD>
- Gabinetona, experiência de mandato coletivo em Belo Horizonte: <https://bit.ly/3e5pQPY>
- Lei dos Partidos Políticos (nº. 9.096, de 19 de setembro de 1995): <https://bit.ly/2TV8z5d>
- Liane, ferramenta digital destinada a causas, campanhas e mandatos eleitorais desenvolvida pelo Instituto Update: <https://bit.ly/3xB7pua>
- Ocupa Política, confluência de organizações, coletivos da sociedade civil e mandatos-ativistas: <https://bit.ly/2TSG5sl>
- Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), movimento de renovação política: <https://bit.ly/3ARuj93>
- RenovaBR, movimento de renovação política: <https://bit.ly/3hyOlaD>